

Diálogos Produtivos

Tatiana Porto psicanalista

“As regras técnicas que estou apresentando aqui alcancei-as por minha própria experiência, no decurso de muitos anos, após resultados pouco afortunados me haverem levado a abandonar outros métodos. (...) Devo, contudo, tornar claro que o que estou asseverando é que esta técnica é a única apropriada à minha individualidade; (...)

A técnica, contudo, é muito simples. Como se verá, ela rejeita o emprego de qualquer expediente especial (mesmo o de tomar notas). Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ (...) em face de tudo o que se escuta. Desta maneira, poupamos de esforço violento nossa atenção, a qual, de qualquer modo, não poderia ser mantida por várias horas diariamente, e evitamos um perigo que é inseparável da atenção deliberada. Pois, assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a selecionar o material que lhe é apresentado; um ponto fixar-se-á em sua mente com clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e, ao fazer essa seleção, estará seguindo suas expectativas ou inclinações. Isto, contudo, é exatamente o que não deve ser feito. Ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já sabe; e se seguir as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber. Não se deve esquecer que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente.”¹

Quando um documentarista decide fazer um filme, tem opções. Pode escolher uma via didático-educativa, na qual o documentário ilustra e/ou acompanha um projeto de trabalho, um acontecimento, evento, etc; pode assumir uma hipótese e tentar comprová-la ou não, entrevistando pessoas diretamente relacionadas à hipótese; ou ainda tomar o que chamarei aqui de via da escuta. As recomendações acima poderiam ser feitas a documentaristas que optam por esta via, que é a tomada por Cristiana Grumbach em *Morro da Conceição*.... Movida pelo desejo de fazer seu filme, abriu-se à escuta do outro. Deixando-se levar pelas histórias que escutava, aceitou a tecedura que surgia entre a fala do outro e sua escuta própria, escrevendo, compondo com imagens um enredo com pessoas reais, histórias reais, em um lugar real. É o silêncio expressivo de dona Maria Amélia, sua força, sua lucidez, sua transparência; é a pontuação delicada das perguntas feitas ao seu João, que não gosta de antiguidades nem da velhice, mas preza suas recordações; a recepção à emoção de seu Feijão, só para citar alguns momentos do filme.

Porém, as recomendações não são de um cineasta, são de Sigmund Freud aos analistas. E, embora analistas e documentaristas difiram em seus objetivos, têm em comum a exigência de uma abertura ao outro, à diferença, ao discurso. Para ambos se coloca a necessidade de ocupar um lugar de não saber, não saber sobre o outro: um saber sobre sua ignorância real.

No processo de uma análise, é a história daquele sujeito que é escrita por ele. Porém, apesar de não podermos dizer exatamente qual seria a diferença, podemos afirmar que esta escritura seria diferente no testemunho de um ou de outro analista.

Ao assistir ao filme tive a sensação de que, embora estivesse assistindo a pessoas contando suas histórias, havia nessas histórias a presença de uma escuta que também nos conta sua história.

Talvez seja produtivo esse diálogo entre documentaristas e psicanalistas, para se pensar nestes lugares ocupados por nós, em seus efeitos, no recurso da escuta, no caso do próprio filme, sua edição; no caso do analista, a interpretação.

Certamente foram produtivos os nossos diálogos. Um pouco da analista que sou está no filme. Um tanto da documentarista está na minha clínica. Felicidade do encontro das nossas sensibilidades, e das nossas respectivas e mutantes aberturas ao outro.

i Freud, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In Vol. XII edição standard brasileiras das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Imago Editora, RJ, 1969. Grifo meu.